

Uma visão retrospectiva da UERJ: Entrevista com João Salim Miguel

F. Caruso

*Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
Instituto de Física da UERJ*

O texto a seguir corresponde ao teor de uma entrevista que fiz com o Prof. João Salim Miguel, em sua casa, no dia dezesseis de agosto de 2000 sobre a UERJ, por ocasião da comemoração do cinquentenário da universidade. Prof. Salim, como carinhosamente é conhecido no Instituto de Física, onde ingressou em 1º de março de 1950, teve grande importância no desenvolvimento desta Unidade Acadêmica, desde sua origem até ser aposentado, em 1995. Sua postura ética e sua atuação na vida acadêmica da Universidade – além de ter sido o único físico a ser Reitor da UERJ – são motivos suficientes para que seu testemunho fique registrado e seja divulgado.

Prof. Salim: Eu quero, inicialmente, agradecer ao Prof. Caruso pela alegria de tê-lo aqui em minha casa para esta entrevista. É sempre com muito prazer que falo sobre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Universidade que foi a minha segunda casa, Universidade onde trabalhei praticamente 45 anos e percorri todos os estágios de uma carreira docente universitária. Lá ingressei com carteira assinada em 1º de março de 1950. Antes disso, porém, ajudava, como instrutor, na cadeira de Física Geral Experimental, cujo catedrático era o Professor Alcântara Gomes Filho, fundador do Instituto de Física. A partir daí, vim trabalhando, lecionando Física Geral Experimental, depois Física Superior, Física Matemática, Eletromagnetismo, Termodinâmica e quase todas as disciplinas previstas para o curso de Física. Também lecionei Física para os cursos de Matemática e Biologia. Nós, do Instituto de Física, fomos dos primeiros a lecionar Física aplicada à Biologia, no curso de Biologia.

Ao longo desses 45 anos também tive a felicidade, a honra, de trabalhar em atividades administrativas: fui Chefe de Departamento, fui Vice-Diretor do Instituto de Física, quando era Diretor o grande Prof. Armando Dias Tavares. Hoje o seu filho, o Prof. Armando Dias Tavares Junior, o Armandinho, como nós o tratamos afetuosamente, tem a honra de estar no lugar em que seu pai ocupou com muito brilhantismo. Além disso, estive em outros cargos: assumi – a memória às vezes me falha, mas acredito que tenha sido em 1978 ou 1979 – a Direção do Centro de Tecnologia e Ciências que envolve as principais áreas tecnológicas: Engenharia, Desenho Industrial, Física, Química, Matemática e Geociências. Ocupei esse cargo por dois ou três anos. Saí desse cargo para ocupar a Vice-Reitoria quando o Reitor foi o eminente Prof. Desembargador Ney Cidade Palmeiro, e isto aconteceu no ano de 1980. Com o falecimento do Professor Ney, fato extremamente triste para a Universidade, fui aclamado pelos Conselhos Reunidos (Conselho Universitário, Conselho Superior de Ensino e Pesquisa e Conselho de Curadores) candidato a ocupar o posto de Reitor, e a escolha foi feita na época pelo Governador Chagas Freitas. Posteriormente foi escolhido como Vice-Reitor o Prof. Dr. Roberto Alcântara Gomes, filho do fundador do Instituto de Física, Francisco Alcântara Gomes. Em linhas gerais, essa é a minha passagem como Professor e como administrador na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nossa querida UERJ.

Caruso: Obrigado, Prof. Salim, por ter tão gentilmente concordado em me receber em sua casa para esta entrevista. Nessa primeira parte, vamos tentar, com a sua ajuda, caracterizar o trabalho pedagógico nos primórdios da UERJ. Gostaria, então, que o Sr. descrevesse e caracterizasse um pouco a estrutura da carreira docente na criação da UERJ e comentasse como eram, na sua opinião, as relações pessoais e institucionais dos professores da UERJ na estrutura da carreira docente de então.

Prof. Salim: Eu, talvez, Caruso, tenha que abordar o assunto a partir dos seus primórdios. A nossa Universidade foi criada principalmente pela ação do Legislativo e até podemos afirmar que o Prefeito Mendes de Moraes, naquela época, perdeu uma grande chance de ser o responsável pela existência, hoje, de um expressivo complexo arquitetônico no Rio de Janeiro: o Maracanã e a UERJ. O estádio, com o Maracanãzinho, e a UERJ com seu prédio maravilhoso, o Haroldinho *etc.* Por que digo que o Prefeito Mendes de Moraes perdeu essa oportunidade? Quero antes lembrar que nos idos de 1950, ou antes disso, em 1948, 1949, o Rio de Janeiro era capital da República, o Distrito Federal. Havia uma Câmara Distrital de Vereadores, o Prefeito do Distrito Federal, o Congresso, com o Senado e a Câmara de Deputados, tudo funcionava aqui no Rio de Janeiro. Com a liderança do Vereador Frederico Trota, a Câmara dos Vereadores propôs a criação de uma Universidade para o Distrito Federal, essa Universidade substituiria a UDF, Universidade do Distrito Federal, que existiu no tempo de Getúlio Vargas e foi extinta. Essa proposta recebeu aprovação da Câmara de Vereadores, prosseguiu muito bem, mas chegou às mãos do Prefeito e este, não sei por que razão, talvez, como sempre, tendo como argumento principal a falta de recursos, vetou a proposta. O veto do Prefeito era, naquela época, examinado pelo Senado, que o derrubou em dezembro de 1950. Assim, em final de 1950 foi criada a Universidade do Distrito Federal, a nossa UERJ, que através dos tempos foi mudando a sua nomenclatura. Quando a capital da República passou para Brasília, foi criado o Estado da Guanabara e nossa Universidade passou a ser chamada então de UEG, Universidade do Estado da Guanabara e assim sucessivamente. Houve uma fase em que ela se chamou simplesmente Universidade do Rio de Janeiro, foi no período de transição de todas essas mudanças. Até que, finalmente, veio a se chamar UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Lamentavelmente, o Executivo Distrital perdeu a grande chance de sancionar a criação da Universidade, já que em razão do veto coube ao Senado Federal instituir a nossa Universidade. Quando foi fundada a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com o nome de Universidade do Distrito Federal, ela se formou a partir da junção de quatro Unidades de Ensino Superior, cada uma com sua estrutura própria, com regime de cátedra. Algumas não tinham Titulares, não tinham Catedráticos. As Unidades de Ensino Superior que formaram a atual UERJ foram: a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto La-Fayette, onde eram poucos os Titulares e Catedráticos. Era uma Faculdade nova, onde poucos concursos para Catedráticos tinham sido realizados, de forma que predominavam os Catedráticos de sua fundação. Quando a Faculdade se formou, alguns Professores que ajudaram a fundá-la, tiveram a titularidade das disciplinas, eram os Catedráticos de fundação. Outra Faculdade que integrou as quatro fundadoras da UERJ foi a Faculdade de Ciências Médicas, que funcionava na Rua Fonseca Teles, praticamente fundada, dirigida e administrada com recursos pessoais do grande mestre, Prof. Rolando Monteiro, um nome que cito sempre com muito respeito. Ele foi um grande diretor da Faculdade de Ciências Médicas, que também tinha alguns Professores titulados por concurso, e os demais Professores Titulares eram da fundação da Faculdade de Ciências Médicas. Outra Faculdade que foi poderosa na constituição da nossa Universidade foi a

Faculdade de Direito do Catete, esta mais antiga e com uma organização mais consolidada, e contava com Professores Catedráticos e com Professores Assistentes, já que naquela ocasião eram poucos os livre-docentes. A quarta e última foi a Faculdade de Ciências Econômicas, que funcionava na Rua do Passeio, ao lado do antigo cinema Metro. Nem sei o que há agora lá. Estas foram as quatro Faculdades que integraram a Universidade do Distrito Federal na sua fundação. Tivemos Reitores excelentes, que ajudaram a manter a Universidade na sua autonomia, na sua Unidade, mas foi com João Lyra Filho que foi criada a carreira docente, o quadro do funcionalismo etc. Na área docente nós tínhamos o Auxiliar de Ensino, que não integrava a carreira docente, pois esta começava com o Professor Assistente, prosseguia com o Professor Adjunto, até alcançar o cargo de Professor Titular. Minha gestão foi responsável pela aprovação do um novo Estatuto, em 1982, onde se criou o Auxiliar de Ensino na carreira docente como Professor Auxiliar. Criou-se a figura do Professor a título precário, que hoje possui outro nome, eu não sei exatamente qual é, com a obrigação de fazer concurso em no máximo dois anos, porque o contrato para o Professor a título precário não podia superar dois anos sem que nesse intervalo de tempo se processasse o concurso para a sua efetivação. Incentivou-se também o concurso para Titular, concurso para Livre Docente, para Assistente e para Professor Auxiliar. Sobre a carreira Docente, tanto quanto me lembro, estes foram os aspectos que pude apontar.

Caruso: Como os professores receberam essa mudança, essa inserção nessa nova carreira?

Prof. Salim: Os Professores receberam muito bem a mudança, principalmente porque a grande maioria se encontrava como Auxiliar de Ensino, fora da carreira docente, e alguns até com dez anos de trabalho, ou mais do que isso. Inserir-los numa carreira era o ideal para eles, embora os juristas da Universidade argumentassem sempre que nós estaríamos ferindo a Constituição da República, porque ninguém poderia ingressar na carreira docente sem concurso. Eu me lembrei que o grande Reitor da USP, Miguel Reale, extraordinário jurista, fez entrar para o quadro docente, sem concurso, Professores Auxiliares e até Titulares, por seus merecimentos reconhecidos no Brasil ou no exterior. Parecia-me injusto deixar de fora a maioria, que na época, parece-me, eram 900 Auxiliares de Ensino, porque não tinham feito concurso, mas tinham sido aprovados no cotidiano, pelas aulas excelentes que ministravam aos alunos. E a nossa Universidade sempre formou bons profissionais em nível de 3º grau.

Caruso: Prof. Salim, agora eu gostaria que o Sr. comentasse, explicasse para nós, como foram feitas as primeiras ementas dos currículos acadêmicos. Havia um procedimento geral a ser seguido pelas diversas Unidades ou cada Unidade tinha a sua própria autonomia? No que o Sr. pôde acompanhar de perto, gostaria que aproveitasse para comentar também sobre a adequação dessas ementas ao tipo de profissional que se formava naquela época, nos primeiros anos da nossa UERJ.

Prof. Salim: Caruso, como a Universidade se constituiu dessas quatro Faculdades, o regime de funcionamento das Faculdades era comandado por suas congregações. Eram geralmente Catedráticos de fundação de cada Faculdade, os responsáveis pela organização do ensino. Por exemplo, a congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras era responsável pelo ensino, nas suas várias nuances, no curso de Matemática, no curso de Filosofia, no curso de Línguas *etc.* As ementas vinham das congregações, por exemplo, os Professores Catedráticos de Letras se reuniam, com a ajuda dos

Assistentes, e estabeleciam a orientação e a programação dos cursos de letras. O Professor Assistente mais novo e o Professor Auxiliar de Ensino não participavam da organização final. Então nós tínhamos a congregação da Faculdade de Direito, a congregação da Faculdade de Medicina, como responsáveis pelo ensino das suas unidades. Esse foi o começo. Posteriormente, com a Universidade se consolidando, nas Reitorias dos Professores Haroldo Lisboa da Cunha, João Lyra Filho, Oscar Tenório e Caio Tácito, foram criados os Institutos Básicos. O primeiro Instituto Básico que se criou foi o Instituto de Física, e, posteriormente, o Instituto de Criminologia, que não existe mais e, se não me falha a memória, o Instituto de Nutrição; três Institutos dos quais dois não existem mais, apenas o Instituto de Física permanece e, como eu disse há pouco, foi criado pelo Professor Alcântara Gomes Filho. Com a criação dos Institutos Básicos, o ensino passou a ser regido, a ser administrado, a ser conduzido pelos próprios Institutos nas disciplinas a eles pertencentes. Nos Institutos não havia Titulares, então, eram os Professores mais antigos, os Professores Catedráticos, que passavam da Faculdade de Filosofia, com seu pluralismo de cursos, para o Instituto que se criava, como o Instituto de Letras, o Instituto de Química, o Instituto de Física, e foram esses Professores que conduziram o ensino nos Institutos. No Instituto de Física, que era o meu Instituto, os principais Professores Catedráticos na época, tanto quanto me lembro, eram o Prof. Alcântara, Prof. Átila Magno da Silva, Prof. Caetano de Oliveira, Prof. Menezes, Prof. George Summer e tínhamos também o Armando Dubois Ferreira, que não era Prof. Titular inicialmente, mas com a saída de um deles, foi interinamente Titular. Esses Professores eram os responsáveis pelas ementas e pelo ensino no Instituto de Física. Nas áreas da Química, Matemática, Letras, Geografia e História, Biologia, etc. tínhamos também excepcionais Professores que executavam essas tarefas. Então a formação e a orientação de ensino, preliminarmente, vinham, principalmente dos Professores Catedráticos, que passavam para os Institutos que eram criados. Nas Faculdades, as congregações prevaleciam na organização das ementas e da programação dos cursos que eram ministrados por essas Faculdades.

Caruso: Pediria agora que comentasse como era a relação professor-aluno no início da Universidade e como o Sr. viu a evolução dessa relação. A relação entre aluno e catedrático, era diferente entre aluno e Assistente? Que tipo de relação havia no início dos cursos da UERJ?

Prof. Salim: Caruso, essa relação eu costumo dizer que é a mesma em todos os tempos, porque depende muito do professor. Alguns Professores Catedráticos se colocavam em patamares bem acima dos alunos, por isso havia uma certa cerimônia de o aluno se dirigir ao Professor Catedrático. Mas este fato também acontecia com o Assistente, pois alguns Assistentes não liberavam, nem deixavam o aluno à vontade. Isso era algo muito pessoal. No meu entender, os Professores que eram considerados os melhores, em qualquer nível de titularidade, eram aqueles que conseguiam deixar o aluno à vontade para indagar, para tirar dúvidas, para conversar, e sentia-se até que este procedimento dava a este Professor uma autoridade maior, porque o aluno percebia que não havia maiores diferenças entre ele e qualquer outra pessoa com mais estudo, com mais responsabilidade de ensinar, com mais preocupação em ensinar bem. E eu senti isso, como Professor da Universidade, ao longo dos meus quarenta e tantos anos de sala de aula. Eu sempre tive um excelente relacionamento com os alunos. Os alunos tinham por mim muita consideração, muito respeito; justamente por isso, eu digo que não mudou absolutamente nada na relação entre Professor e aluno. A reivindicação dos alunos, essa sempre existiu; eu mesmo, como aluno, participei de movimentos que eram

considerados, na ocasião, movimentos de rebeldia e de resistência. Quando a Universidade se formou, existia um movimento chamado "Acampar para Encampar", e eu participei ativamente dele e não me arrependo porque daí surgiu a nossa Universidade. O Governo do Município, à partir daí, encampou a Universidade, passando a ser o nosso gestor financeiro, o responsável pelas despesas da Universidade, que se tornou pública e gratuita. De maneira que esse relacionamento "professor e aluno" era muito relativo. Nós tínhamos notícias de Professores que não se deixavam envolver, respondiam com um certo desprezo às perguntas que consideravam como absolutamente impertinentes. Mas isso eu acho que até hoje existe, pois é a postura que cada qual adota. De modo que, o relacionamento, em todos os tempos, não me parece ter sofrido muitas modificações, é quase sempre o mesmo.

Caruso: É da natureza humana, não é? Professor, ainda sob o aspecto da relação professor-aluno, como eram as avaliações do aprendizado? Eram provas formais, eram exames mais rígidos do que são hoje em dia, eram exames orais, escritos? Fale um pouco como era essa metodologia de avaliação.

Prof. Salim: Talvez eu só possa falar da minha área, da área técnica, especialmente do Instituto de Física. Nós tínhamos a fama de sermos reprovadores, mas eu não aceito esse título de reprovador, não só para mim como para os Professores de Física ao longo desse tempo. Pelo seguinte: as turmas começavam grandes, com cinquenta alunos, mas no Instituto de Física o que se sentia é que não havia vocação para a pesquisa e nem interesse pela carreira de magistério. O aluno achava a Física interessante, mas não tinha condições, não tinha base matemática para acompanhar um curso de Física. Nós costumávamos fazer provas escritas, eram três ou quatro provas escritas por ano, e quem tivesse média sete no final do ano letivo passava direto; entre cinco e sete aplicava-se a prova oral. A prova oral era bem cuidadosa, nós tínhamos empenho em fazer provas muito sérias, daí, talvez, o fato da dependência em Física ser muito grande, chegando até a desistência. Nós não tínhamos interesse em formar alunos despreparados. Costumava-se dizer que a nossa Universidade, especialmente o nosso Instituto de Física, era um funil, com a saída bem espremida. Mas os alunos que se formaram em Física, eu posso afirmar, mesmo os que se formam hoje, são alunos extremamente bem preparados e competentes para se desenvolverem profissionalmente em alto nível, no topo da carreira de Física, de Professores de Física e de físico. Lembro ainda que os alunos com média entre 3 e 5 faziam exame final completo, isto é, prova escrita e prova oral. E a média inferior a 3 reprovava o aluno, com direito a segunda época.

Caruso: Professor, o Sr. acha que esse problema da evasão que se verifica hoje, principalmente no curso de Física e naqueles cursos considerados os mais difíceis, era também um problema naquela época?

Prof. Salim: Sem dúvida! Eu creio até que no passado a evasão era muito maior. Começávamos com turmas de 60 alunos e do primeiro para o segundo ano (o regime ainda era seriado) já tínhamos a turma reduzida a 20%, às vezes sobravam apenas cinco alunos. Na metade do ano saía quase todo mundo pela dificuldade. Hoje isto foi corrigido com a evolução dos programas. Eu me recordo muito bem, você, Caruso, participou com muito brilhantismo, como relator, da última comissão de reestruturação curricular.

Caruso: Professor, o Sr. estava lembrou da reestruturação curricular pela qual passou o Instituto de Física. A partir de 1989 surgiu um movimento não só para que se reformulassem os currículos, mas também se modernizasse a estrutura Departamental do Instituto de Física e se criasse a Pós-Graduação, que era um antigo anseio da comunidade de professores da UERJ. Lembro-me bem, e quero deixar aqui o testemunho, que essas três coisas só aconteceram porque o Sr. foi o Presidente das três comissões criadas para isso. O Diretor era o Prof. Werther Aristides Vervloet, que lhe nomeou Presidente da Comissão de Reestruturação Curricular, a qual o senhor presidiu por quase dois anos e meio, se não me engano. Foi um processo muito lento, feito com muito cuidado, com muito carinho, e o Sr. teve muita habilidade em conduzi-lo, trazendo para discussão os alunos, que foi uma iniciativa fundamental, principalmente na reestruturação da nossa Licenciatura, não é? O Instituto de Física saiu na frente, reintroduzindo conteúdo programático no curso de Licenciatura, que havia sido expurgado com a Licenciatura curta. Então, eu tenho absoluta certeza que essa reestruturação só foi possível graças a sua participação na presidência e eu tive a honra de ter sido escolhido pelo Sr. como relator dessa reformulação curricular, que é, na sua essência, o currículo que está até hoje formando gente com grande sucesso.

Prof. Salim: Agradeço a você por toda essa lembrança maravilhosa, mais jovem, uma memória bem mais segura do que a minha e as palavras amáveis que me disse e que, absolutamente, não sei se mereço. Mas Caruso, justamente essa reformulação foi muito importante porque conteve, razoavelmente bem, a evasão, pois agora há uma certa flexibilidade na passagem do curso de Bacharelado para o curso de Licenciatura e vice-versa. A Licenciatura ganhou essência, ganhou qualidade, o Bacharelado manteve a sua qualidade e hoje é possível ter o aluno que se forma em Física com os dois cursos sem grandes dificuldades, o de Bacharel e de Licenciado. Se ele não é feliz na área de pesquisa, no doutorado, no mestrado, ele vai para o magistério com excelente eficiência, de modo a formar os nossos alunos, em nível de ensino médio, de maneira magnífica. Então, acredito que, a partir dessa reestruturação, as coisas melhoraram bem e se sedimentaram no que concerne à redução substancial da evasão que existia no curso de Física. E acredito até que esse processo deva ser continuado, que todos os novos diretores, os professores que estão alçando cargos mais importantes na carreira docente, que todos permaneçam deixando sempre a possibilidade dessa reformulação. O que existe de novo deve ser acrescentado, o que não precisamos mais abordar deve ser afastado; o processo de ensino é dinâmico. Não podemos dar por encerrado o trabalho de reestruturação curricular, de reestruturação Departamental, etc. Você lembrou bem, os nossos Departamentos estavam muito difíceis de serem trabalhados. Tínhamos, por exemplo, Departamentos com 60 disciplinas e outros com 4 disciplinas. Houve uma reestruturação racional, na qual todos os Departamentos ganharam em importância e em responsabilidade, sobretudo em responsabilidade. Acredito na estrutura atual do Instituto de Física. Acredito que os novos Diretores que passaram por lá tenham mantido, em termos de qualidade, o que foi deixado a partir do Prof. Werther, da minha aposentadoria. Modéstia à parte, a minha aposentadoria não significou muito. O Instituto de Física caminha muito bem com os seus merecimentos próprios e com os de seus Professores excelentes que lá estão até hoje.

Caruso: Professor, a minha memória também não está tão boa assim. Eu não sei precisar a data, mas o Sr. sabe que, de um tempo pra cá, a Reitoria vem trabalhando com um órgão chamado COPAD, que coordena toda a distribuição e alocação de carga horária na Universidade. Antes disso, principalmente nos primórdios da UERJ, como

eram decididas as alocações de carga horária docente? Como era priorizado o crescimento de uma certa Unidade, de uma certa Faculdade, de um certo Instituto?

Prof. Salim: Esse sempre foi um grande problema para a Universidade. Havia, não com esse nome, na Vice-Reitoria um setor que cuidava, justamente, de definir as necessidades docentes da Universidade. Inclusive, quando eu fui Reitor esse setor era de responsabilidade do Prof. Roberto Alcântara Gomes, que era Vice-Reitor, e ele cuidava de analisar as necessidades a partir, inicialmente, das propostas das Unidades Universitárias. Por exemplo, a Faculdade de Medicina encaminhava para a Reitoria as suas demandas: os Professores que estavam sendo necessários para a contratação, as deficiências na parte prática e na parte experimental e isso acontecia em todas as Unidades Universitárias. A Reitoria analisava a partir daí a viabilidade de contratação. Recordo-me ainda de quando foi feita a passagem do regime seriado para o regime de crédito com a dupla entrada. Nesta época, a Universidade teve que crescer muito com a contratação de novos Professores e isto teve que ser feito com extremo critério para não inchar o quadro docente da Universidade, para a Universidade não ficar sufocada pelo grande número de contratações. Algumas Unidades optaram por permanecer em regime seriado como, por exemplo, a Medicina; como o Direito, que custou um pouco mais a passar do seriado para o regime de crédito, fato ocorrido apenas em 1978. Mas as necessidades eram colocadas para a Reitoria e esta examinava a viabilidade, de comum acordo com as Direções das Unidades, quando sentíamos a impossibilidade de contratar o número de Professores que a Unidade pedia, chamávamos a Direção da Unidade, chamávamos os Chefes de Departamento, juntamente com a Direção da Unidade e discutíamos as prioridades. O que é absolutamente necessário! E diante da prioridade, definida pelas Unidades, nós então abríamos as contratações.

Caruso: Gostaria que comentasse, do ponto de vista do trabalho pedagógico e de formação continuada dos professores, quais eram as outras atividades acadêmicas que existiam na UERJ e como elas cresceram e evoluíram?

Prof. Salim: Caruso, nesse particular de colocar a UERJ de portas abertas e fazer com que a ação da UERJ atingisse a comunidade, nós tivemos o prazer e a honra de criar, na minha gestão, a Sub-Reitoria para assuntos comunitários, que chamávamos já naquela época de SR-3, mas parece que hoje essa Sub-Reitoria mudou de nome. A essa Sub-Reitoria estava vinculado o CEPUERJ, que é justamente o elo de ligação da Universidade com a comunidade. O CEPUERJ foi criado por Reitorias bem anteriores a nossa, se não me falha a memória por João Lyra Filho, com a intenção de fazer a interface entre o trabalho da Universidade e a necessidade da comunidade. Os cursos dados no CEPUERJ tinham este propósito e ao criarmos a Sub-Reitoria de Assuntos Comunitários nós estávamos estendendo ainda mais esta tarefa, porque se a Universidade é mantida pelo Governo do Estado, o povo que nos paga tem o direito de receber mais algumas coisas que a Universidade possa dar em troca. O CEPUERJ procura atender a comunidade nas suas necessidades da área técnica, nas suas necessidades da área médica, etc. Acredito que a Sub-Reitoria encarregada desta ligação entre a Universidade e a comunidade é, ainda hoje, a SR-3. Penso que a Universidade tem feito muito neste setor através do CEPUERJ, pela SR-3. Por intermédio do Departamento Cultural promovíamos eventos, acontecimentos importantes para a comunidade, como *ballet*, orquestras, peças de teatro *etc.*, as portas eram abertas à comunidade, não havia, absolutamente, pagamento de ingressos.

Caruso: Que aspectos o senhor destacaria nesses 50 anos de evolução da UERJ, não só ligados à parte do ensino e de formação propriamente dito? Deixe-me ampliar um pouco o horizonte da pergunta, nesses 50 anos que o Sr. acompanhou muito de perto a UERJ, embora nos últimos cinco anos não tão de perto, mas sempre com muito carinho, qual sua avaliação dos seus principais momentos. Quais foram esses momentos e em que sentido eles abriram novas portas para nossa Universidade?

Prof. Salim: Olha, foram tantos os excelentes momentos que a Universidade viveu como foram também expressivas as dificuldades enfrentadas pela Universidade. Nós tivemos momentos em que o Poder Público, o Governo do Estado, deixava a Universidade em segundo plano. No final de minha Reitoria eu tive problemas sérios a vencer por causa dos recursos orçamentários, os quais não eram repassados para a Universidade. Tivemos o risco de o Hospital fechar por falta de pagamento, principalmente no que concerne à parte de internação, comida, lavagem de roupa e até fornecimento de material. A White Martins ameaçou cortar o fornecimento de oxigênio e a Universidade estava sem meios para cobrir as suas dívidas, embora os recursos estivessem perfeitamente alocados no orçamento. O Governo não repassava o que estava previsto no orçamento básico, não era orçamento suplementar, nem era dinheiro a mais do que aquilo que tinha sido previsto como verba para a Universidade. Com a ajuda, porém, do Prof. Dr. Aluísio Sales na Presidência do INSS, naquela época INAMPS, consegui vencer a crise fazendo com que as despesas do Hospital fossem colocadas em dia, com o pagamento de parte dos atrasados do INAMPS para o Hospital. Quando saí da Reitoria, o Hospital estava com todos os Centros Cirúrgicos funcionando e mais de 600 leitos em plena atividade. Tive, entretanto, momentos difíceis, momentos de perder o sono, pois seria tristíssimo um Hospital que atende à comunidade pobre deixar de prestar este atendimento essencial à população menos favorecida da Tijuca, de Vila Isabel, do Grajaú e redondezas por falta de repasse de verbas.

Caruso: Prof. Salim, o Sr. mencionaria, ainda, outros pontos de destaque na evolução da Universidade?

Prof. Salim: Caruso, eu considero de grande valor para a Universidade algumas coisas que aconteceram, uma delas foi certamente a criação da Faculdade de Engenharia. No nosso elenco cultural estava faltando uma área para a Engenharia, e a Faculdade de Engenharia foi criada na administração, se não me falha a memória, do Reitor Haroldo Lisboa da Cunha e teve, como um dos seus primeiros Diretores, o grande mestre das Matemáticas e também engenheiro, o Prof. Pascoal Vilaboim. A criação da Faculdade de Engenharia foi, sem dúvida, de grande valia para a nossa Universidade. Foram criados, também, os cursos de Oceanografia e Geologia. Aponto também a criação da Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa pelo Reitor Ney Palmeiro como importante acontecimento para a UERJ. Posso dizer ainda que tive muita satisfação pessoal com a aprovação do Estatuto da Universidade, em 1982. Nesse Estatuto nós inserimos a criação de duas Sub-Reitorias: a Sub-Reitoria de Integração Comunitária, a SR-3, e também a Sub-Reitoria de Administração e Planejamento que, na época, chamamos de SR-4. A SR-4 já não existe, talvez por interesse de administrações posteriores, não discuto a importância de retirá-la, mas confesso que deixaria a SR-4 como uma Sub-Reitoria de grande projeção, de grande importância para a Universidade. Certamente as atribuições da SR-4 ficaram distribuídas por divisões e por departamentos que foram criados para cobri-las. Dentre os bons momentos lembro também que foi na minha

gestão que a UERJ iniciou de forma substancial o seu trabalho de interiorização, com a incorporação da Faculdade de Educação Roberto da Silveira em Duque de Caxias. Com a aprovação do novo Estatuto, pude inclusive aumentar a representação estudantil no Conselho Universitário e no Conselho Superior de Ensino e Pesquisa, e acrescentar o número de participantes ao contar com a presença de Professores das várias titularidades eleitos por seus pares, para atuarem nos referidos Conselhos. Eu acredito que estes são os principais aspectos positivos que posso apontar na minha e em outras gestões.

Caruso: Professor, antes de deixar um tempo para o senhor falar o que quiser, vou fazer uma pergunta fora do *script*, que é uma coisa que está angustiando muito certas pessoas na Universidade, preocupando outras, que diz respeito ao compromisso que a Universidade deve ter com a melhoria do ensino fundamental e do ensino médio. Estamos vendo aí notícias, um pouco alarmantes, do Governo tentando reservar vagas da Universidade para alunos provenientes da Escola Pública, o que não deixa de ser uma interferência na Universidade. Eu queria que o Sr. comentasse um pouco esse momento histórico que a Universidade vai ter que enfrentar agora. Na sua opinião, do ponto de vista interno, acadêmico, da Universidade, o que deve ser feito, que tipo de iniciativas a Universidade pode tomar para realmente contribuir para melhoria do ensino, sem ser por medidas paliativas?

Prof. Salim: Sem dúvida, quanto à importância da Universidade na formação do jovem brasileiro, do jovem carioca, no ensino fundamental e no ensino médio, eu considero a área de formação do professor como ponto culminante. A Faculdade de Educação está aí para isto, para formar bons professores em todos os setores da cultura e da atividade humana no sentido de formar excelentes alunos dos dois primeiros segmentos de ensino. Essa é uma das mais importantes funções da Universidade: a formação do nosso jovem, do jovem do Rio de Janeiro, do jovem do Brasil. No que concerne à posição do Governo do Estado em reservar vagas para alunos que vêm do ensino público, eu não gosto desse tipo de atuação do Governo. Eu acho que a Universidade, em razão de sua autonomia, tem que decidir por ela e não por imposição, não por decisões da Assembléia Legislativa, não por decisões do Governo do Estado. Eu, no passado, fui considerado um rebelde porque não aceitei uma Lei Estadual que considerava as Fundações como integrantes do regime de acumulação, me insurji contra a Lei 410/81 do Governo do Estado que estendia às Fundações o regime de acumulação. Não apliquei o regime de acumulação na minha administração na UERJ e fui vitorioso, passei todo o meu período, toda a minha gestão de Reitor sem que o Governo do Estado tomasse qualquer iniciativa contra a Universidade. A minha posição foi firme, tive o respaldo do Egrégio Conselho Universitário e consignei, com a minha revolta, uma posição de autonomia da Universidade. Outro episódio que merece registro foi quando o Governo do Estado, através da Assembléia Legislativa, promulgou uma lei criando eleições diretas para Reitor e Diretor de Unidades na UERJ. Também não aceitei, até porque a legislação pertinente à área de educação, à Lei de Diretrizes e Bases, reservava ao Congresso Nacional competência originária para legislar sobre a administração e o funcionamento das Universidades. Resisti e fui também vitorioso. O Supremo Tribunal Federal, instado pelos Poderes Públicos e pelo Ministério Público Federal, se pronunciou contra a decisão da Assembléia Legislativa. Não que eu fosse contra a eleição direta, mas o que eu não aceitava era a forma adotada que levava à intromissão e à invasão do Governo do Estado e da Assembléia Legislativa na autonomia da Universidade. Então, se a Universidade por si, por seus Conselhos Administrativo, Universitário e Conselho Superior de Ensino e Pesquisa, vier a decidir pela abertura de um percentual, menor do

que 50%, ou de mais ou menos 30%, por exemplo, para um vestibular a parte, sempre com concurso público, para alunos que vêm das escolas públicas é aceitável, e é até bonito. A minha posição contrária, que desejo insistir, está no procedimento como vem se desenvolvendo a questão. Se a Universidade entender que isso é pertinente, que deve ser aceito, então, que os próprios Conselhos, reunidos com a Direção, com a Presidência da Magnífica Reitora, decidam por isso, mas não se deve permitir a invasão na autonomia da Universidade com decisões externas, inoportunas e extemporâneas.

Caruso: Estamos chegando ao fim da nossa entrevista e nas suas considerações finais gostaria que o Sr. apontasse aquilo que vê como um grande desafio para a Universidade do novo século, que é na verdade a do novo milênio, do ponto de vista educacional.

Prof. Salim: Caruso, eu praticamente vivi o século XX integralmente, estou com setenta e cinco anos, e a gente sente que a evolução é vertiginosa, a gente não pode parar muito para pensar, e as coisas vão se oferecendo e nós temos que entrar, tomar a locomotiva com muita rapidez ou então elas se tornam passado. O que eu desejo para a Universidade é que ela prossiga neste trabalho de formação básica de profissionais, de técnicos em nível de 3º grau com a qualificação que ela vem mantendo até hoje. Ela deve voar um pouco mais alto na Pós-Graduação, nos cursos de Mestrado de Doutorado e também naqueles cursos mais rápidos ministrados a *Lato Sensu*. Deve trabalhar um pouco mais na área de serviços à comunidade. Não podemos nos descuidar da ciência da atualidade, a Informática. Todos os setores devem se preocupar com a informatização. É o computador ajudando a nossa vida em todos os setores, até na mais simples técnica do ensino fundamental e do ensino médio. A Universidade tem por obrigação colocar ao alcance de todos a informatização. Eu vejo assim o próximo milênio, muitas coisas novas surgirão e tenho certeza, com a inteligência que a Universidade possui, com a inteligência dos seus Professores, dos seus administradores, dos seus alunos, de seus servidores em geral, que as soluções virão para a maior grandeza da nossa UERJ, do nosso Estado e do nosso Brasil. Muito obrigado pela atenção que tiveram comigo.

Caruso: Prof. Salim quero lhe agradecer muito por sua gentileza de ter nos concedido essa entrevista em sua casa e por seu importante depoimento que resgata, nesses festejos dos 50 anos da UERJ, um pouco de sua história. Felicidades!